

## Casas lineares de Bernardes e Jacobsen Arquitetura: apontamentos sobre herança e inovação

*Bernardes e Jacobsen Architectura linear houses:  
Notes about heritage and innovation*

*Casas lineares de Bernardes e Jacobsen Arquitetura:  
Anotaciones sobre herencia e innovación.*

COSTA, Ana Elísia da

Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ana\_elisia\_costa@hotmail.com

PICCOLI, Cristina

Mestre, Universidade de Caxias do Sul, cpiccoli@yahoo.com

CAON, Sara

Acadêmica - graduação, Universidade de Caxias do Sul, sara.caon@outlook.com

### RESUMO

Em 2010, a Revista AU publicou uma relação de 25 escritórios de arquitetura que poderão definir o novo “cenário da arquitetura brasileira”. Dentre os eleitos, destaca-se o escritório Bernardes e Jacobsen Arquitetura, que foi fundado na década de 70 e que, entre 2000 e 2010, passou a contar com a colaboração de dois jovens profissionais. A produção do escritório no período de duração desta sociedade ganha destaque porque nela, potencialmente, estão tensionadas heranças do modernismo brasileiro e inovações do mundo contemporâneo. Analisar as obras residenciais deste escritório é objetivo deste artigo, mais especificamente, são analisadas onze casas com arranjo linear produzidas entre 2005 e 2010. Para subsidiar a pesquisa, é feita uma breve discussão sobre as casas com partidos lineares do modernismo brasileiro, partindo do pressuposto que estas sejam um dos importantes referenciais para os projetos desenvolvidos pelo escritório. Na sequência, os projetos do escritório são analisados de modo gráfico-textual, buscando identificar estratégias recorrentes de implantação, de organização formal e funcional e de espacialidade. Em caráter conclusivo, se observa que os projetos apresentam inovações sutis em relação às soluções do modernismo brasileiro e que, entre as casas, configura-se um sequenciamento tipológico, sem que haja necessariamente a proposição de novos modos de viver.

**PALAVRAS-CHAVE:** Casas; Tipologia; Bernardes e Jacobsen Arquitetura.

### ABSTRACT

In 2010, the AU Magazine published a list of 25 architectural firms that could set the new "scenario of the Brazilian architecture." Among the elected, there is Bernardes e Jacobsen Arquitetura, which was founded in the 1970's and that, between 2000 and 2010, had the collaboration of two young professionals. The office's production in the duration of this company stands out because it potentially carries the tension between the Brazilian Modernism's heritage and the innovations of the contemporary world. To support this research, a short discussion about linear houses built during the Brazilian Modernism period is made, starting at the assumption that such houses are an important reference for the projects developed by the office. In the sequence, Bernardes e Jacobsen Arquitetura's projects are analyzed in graphic and textual arrangements, aiming at identifying recurring implementation strategies, formal and functional organization, and spatiality. As a conclusion, it can be observed that the projects show only subtle innovations when compared to the innovations



# PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

*brought about by the Brazilian Modernism, and that, among the houses, a typological sequence is set up, although without necessarily proposing new ways of living.*

**KEY-WORDS:** Houses, Typology, Bernardes e Jacobsen Arquitetura.

## RESUMEN

*En 2010, la revista AU publicó una relación de 25 escritorios de arquitectura que podrían definir el nuevo "escenario de arquitectura brasileña". Entre los electos, se destaca el escritorio Bernardes y Jacobsen Arquitetura, que fue fundado en la década de los 70 e que, entre 2000 y 2010 pasó a contar con la colaboración de dos jóvenes profesionales. La producción del escritorio en el período de duración de esta sociedad, destaca porque en ella, potencialmente, están tensionadas herencias del modernismo brasileño e innovaciones del mundo contemporáneo. Analizar las obras residenciales de éste escritorio es el objetivo de éste artículo, más específicamente, son analizadas once casas con acomodo linear, producidas entre 2005 y 2010. Para subsidiar la investigación, es realizada una breve discusión sobre las casas con partidos lineares del modernismo brasileño, suponiendo que sean uno de los referenciales importantes para los proyectos desenvueltos por el escritorio. En la secuencia, los proyectos del escritorio son analizados de modo gráfico-textual, procurando identificar estrategias recurrentes de implantación, organización formal y funcional, y de espacialidad. En carácter conclusivo, se observa que los proyectos presentan innovaciones sutiles en relación a las soluciones del modernismo brasileño y que, entre las casas, se configura una secuencia tipológica, sin que se tenga necesariamente la propuesta de nuevos modos de vivir.*

**PALABRAS-CLAVE:** Casas; Tipologia; Bernardes e Jacobsen Arquitetura.

## 1 INTRODUÇÃO

Em 2010, os professores Mônica Junqueira de Camargo, Carlos Eduardo Comas, Cláudia Estrela, Fernando Lara e Roberto Segre foram convidados pela revista "AU-Arquitetura e Urbanismo", para indicar 25 jovens arquitetos ou escritórios que deverão "desenhar" o cenário da arquitetura brasileira nos próximos 25 anos. Além da qualidade da produção, cujos critérios não foram explicitados, foi adotada como condição de seleção a idade dos arquitetos, que deveriam possuir até 40 anos.

Na listagem, destaca-se o escritório Bernardes e Jacobsen Arquitetura que, apesar de ter sua origem em 1976, passou a contar em 2001 com a participação de jovens sócios. O escritório nasceu da sociedade entre Paulo Jacobsen e Cláudio Bernardes, filho do arquiteto Sérgio Bernardes. Em 2001, com a morte de Cláudio Bernardes, Jacobsen se associou à Thiago Bernardes e, em 2007, à Bernardo Jacobsen. A sociedade durou aproximadamente até 2010, quando foi desfeita, dando origem aos atuais escritórios - Jacobsen Arquitetura e Bernardes Arquitetura.

A produção do antigo escritório Bernardes e Jacobsen Arquitetura, no período compreendido entre 2001 e 2010, ganha destaque por incorporar diferentes gerações, fazendo com que em suas obras, potencialmente, tensionam-se heranças do modernismo brasileiro e inovações contemporâneas, quer através da natureza dos programas arquitetônicos, quer através da linguagem formal e das técnicas e materiais empregados. Neste contexto, cabe questionar: quais os esquemas tipológicos recorrentes em



## PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

suas obras? Esses esquemas expressam continuidades, transgressões, miscigenações tipológicas em relação aos tipos tradicionalmente usados? Seus projetos podem indicar que estão sendo construídas e/ou consolidadas novas práticas projetuais? É a consolidação de novas práticas que faz com este escritório tenha ganhado notoriedade?

Tais questionamentos tornam-se relevantes por levar a um posicionamento crítico sobre a produção do escritório e, conseqüentemente, sobre a atual produção brasileira, inclusive, avaliando a própria seleção do escritório para compor a listagem realizada pela Revista AU. Por outro lado, esta discussão tem um caráter profundamente prático, uma vez que pode subsidiar diretamente a prática e a reflexão teórica de atividades profissionais, de pesquisa e de ensino<sup>i</sup>.

O artigo se volta ao estudo dos projetos residenciais, por ser esta a produção mais volumosa do escritório, e se limita ao enfoque dos projetos desenvolvidos entre 2001 e 2010, por ser este o período aproximado de duração da sociedade com os dois jovens arquitetos. Neste contexto, segundo o site Jacobsen Arquitetura, foram produzidos mais de 50 projetos de casas<sup>ii</sup>.

Por amostragem, se delimita o estudo a 11 casas com arranjo linear, por ser este bastante expressivo na produção do escritório a partir de 2005. Nelas, alas estreitas e lineares ocupam terrenos de dimensões generosas, favorecendo a organização dos extensos programas e a acomodação dos mesmos na topografia do terreno. A configuração estreita das alas, por sua vez, favorece a ventilação e iluminação direta e natural dos ambientes e a exploração das visuais, estabelecendo uma íntima relação entre interior e exterior.

Para subsidiar a pesquisa, inicialmente, é feita uma breve discussão sobre as casas com partidos lineares do modernismo brasileiro. Parte-se, assim, do pressuposto de que este universo seja um dos importantes referenciais para os projetos desenvolvidos pelo escritório. São ilustradas casas de lazer construídas em regiões turísticas do Rio de Janeiro, por possuírem similaridades com o contexto em que são construídas a maioria das casas em estudo.

Na sequência, os projetos do escritório Bernardes e Jacobsen são analisados através de uma abordagem gráfico-textual, identificando esquemas recorrentes de implantação e arranjo formal, de configuração funcional e de espacialidade.

De modo conclusivo, observa-se que os projetos analisados não apresentam inovações em relação aos esquemas tipológicos já empregados no modernismo brasileiro. Esta observação leva a acreditar que a notoriedade do escritório se dá mais pela continuidade de um legado, do que pela busca de uma arquitetura com caráter singular e extraordinário. A inovação é sutil, desenha-se no sequenciamento tipológico dos trabalhos, sem que haja necessariamente a proposição de novos modos de viver.

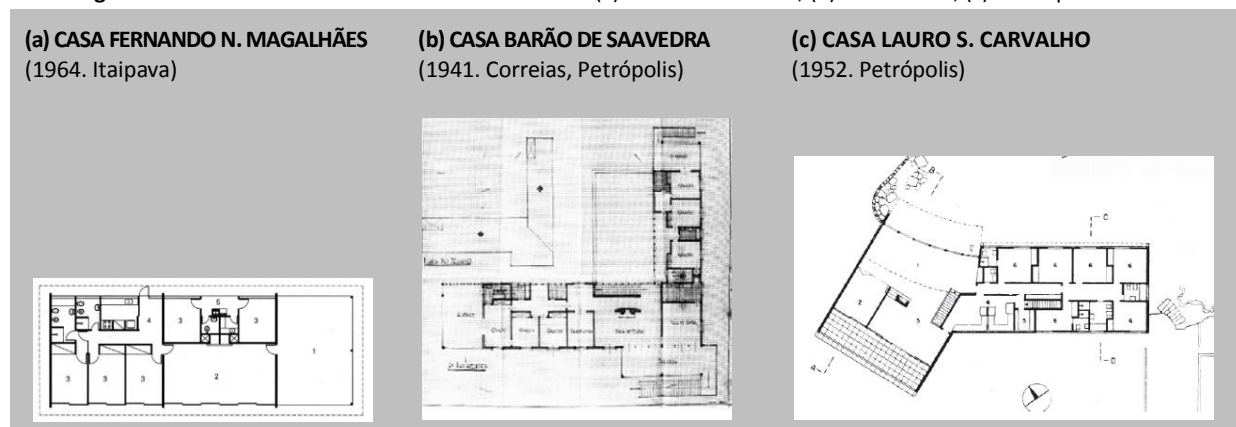
## 2 DOCE VIDA EM MEIO À NATUREZA: A EXPERIÊNCIA MODERNA BRASILEIRA

A arquitetura moderna brasileira encontrou numa elite rica e ávida por novidades um campo profícuo para desenvolvimento e afirmação de sua linguagem, sobretudo, em projetos com programas residenciais. Neste contexto, chama a atenção uma tendência muito particular: a da construção de casas de lazer em regiões turísticas. No Estado do Rio de Janeiro, em especial na Região Serrana, foram edificados exemplares primorosos destas casas nas quais, ao tradicional programa residencial urbano, foram acrescentados quartos para hóspedes – parentes e amigos – e, eventualmente, bares, salão de jogos e áreas de lazer com piscina, jardins e lagos, configurando “pequenos hotéis”. O estudo destes modelos evidencia a recorrência do uso de partidos lineares. É, portanto, neste ambiente de casas lineares edificadas em grandes terrenos, sem as rígidas amarras dos lotes urbanos, que se entrelaçam as características dos objetos de estudo deste artigo.

A estratégia de implantação das casas em cota alta do terreno é frequente. Este artifício revela-se vantajoso, pois através dele é possível tirar proveito das visuais do entorno, proporcionar posição de destaque ao edifício – ver e ser visto – e utilizar a topografia para acomodar a edificação o que, quase invariavelmente, permite a criação de uma área de pilotis, espaço que aparece em oito das 14 casas estudadas<sup>iii</sup>.

Resultado disto e das demais contingências projetuais, destacam-se a adoção de três partidos lineares principais – o compacto, com a casa organizada em uma única ala (Figura 01a); o aditivo, com alas perpendiculares entre si (Figura 01b); e o aditivo, com alas configurando ângulos não ortogonais entre si (Figura 01c).

**Figura 01:** PARTIDOS LINEARES das Casas Modernas: (a) Álvaro Vital Brasil; (b) Lúcio Costa; (c) Henrique Mindlin

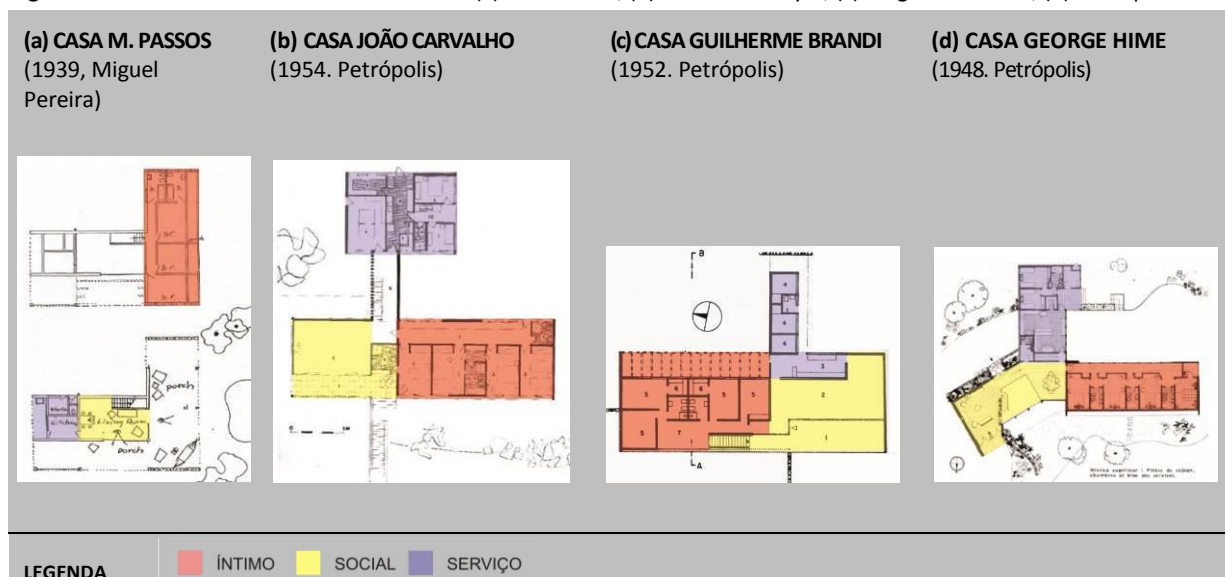


Fonte: HECK, 2005; (a) p. 438; (b) p. 144; (c) p. 316.

O primeiro grupo conta com apenas dois exemplares: as casas Geraldo Baptista (1954 – Olavo Redig de Campos) e Fernando Neves Magalhães. O segundo grupo é aquele que se destaca quantitativamente. Chama a atenção a prevalência dos partidos com alas perpendiculares – dez dentre 14, variando entre “L”, “T”, “H” e chegando a arranjos mais complexos, que hibridizam soluções. Na maioria destes arranjos, as alas são articuladas através de uma área social alpendrada<sup>iv</sup>. O terceiro grupo é formado por dois projetos de Henrique Mindlin que possuem alas não ortogonais entre si, mas exploram estratégias espaciais opostas. Na Casa George Hime (1948), Mindlin cria um grande ambiente social dividido em três níveis e perpassado pelo vazio da circulação vertical. O nível mais alto deste espaço é a sala de jantar que está no vértice de rotação entre as alas. Já na casa Lauro Souza Carvalho (1952) esta articulação perdeu a importância na hierarquia espacial ao ser enclausurada entre a escada e a copa.

Embora a diversificação quase catalográfica de partidos, nas casas estudadas, o arranjo funcional não apresenta grandes variações. Podem ser identificados três grandes grupos: 1) Separação física entre as zonas sociais, íntimas e de serviço, seja por pavimentos, como na casa M. Passos (1939 – Lúcio Costa), seja por corredores e galerias, como na casa João Antero de Carvalho (1954 – José Bina Fonyat) (Figuras 2a e 2b); 2) Articulação das zonas íntimas e de serviços através da zona social, como ilustra a casa Guilherme Brandi (1952 – Sérgio Bernardes), na qual as salas fazem o elo entre os dormitórios e as áreas de serviços através de uma circulação periférica não especializada (Figura 2c). Esta estratégia pode ser recorrentemente identificada em partidos de alas perpendiculares; 3) Isolamento da zona social em uma ala, como nas casas de partido aditivo de alas não perpendiculares de Mindlin. Neste caso, verifica-se que a circulação está no ponto de articulação entre as zonas, promovendo deslocamentos curtos (Figura 2d).

**Figura 02:** ZONEAMENTO das Casas Modernas: (a) Lúcio Costa; (b) José Bina Fonyat; (c) Sérgio Bernardes; (d) Henrique Mindlin



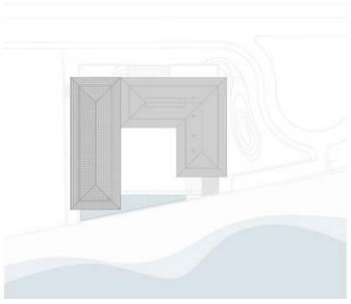
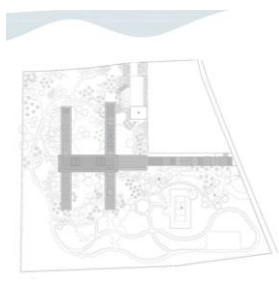

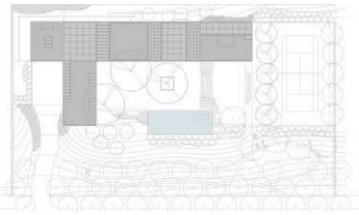
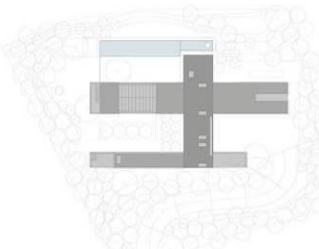
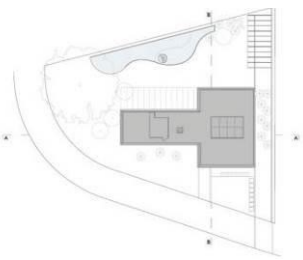
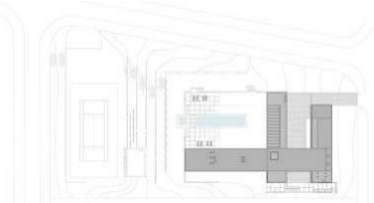
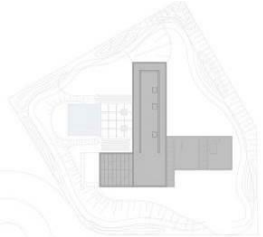
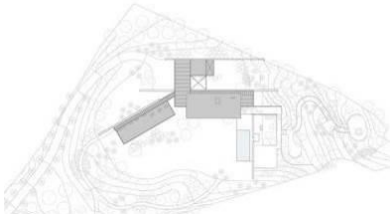
Fonte: HECK, 2005; (a) p. 126; (b) p.330; (c) p 286, (d) p.228 (Intervenções nas bases: das autoras).

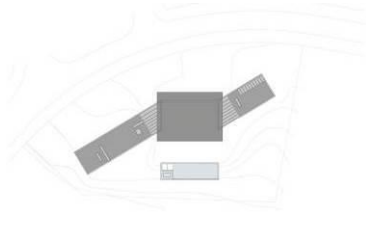
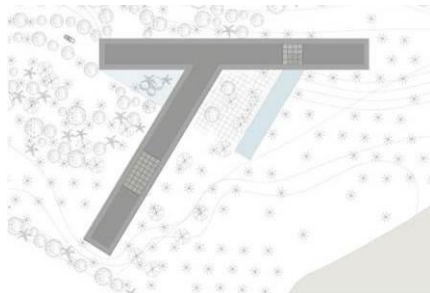
### 3 CASA E PAISAGEM: UMA ÍNTIMA RELAÇÃO NA OBRA DE BERNARDES E JACOBSEN ARQUITETURA

#### Implantação

Observa-se que, de modo recorrente, as casas estão implantadas na cota de nível mais alta dos terrenos, buscando explorar as melhores visuais do entorno. Processualmente, são identificados dois grandes grupos tipológicos: 1) casas com alas perpendiculares entre si (2005-2008), configurando partidos em “L”, “T”, “H”. “U” (...); 2) e casas com alas não ortogonais (2008-2010). (Tabela 1)

**Tabela 1 – CASAS LINEARES de Bernardes e Jacobsen – 2005-2010**

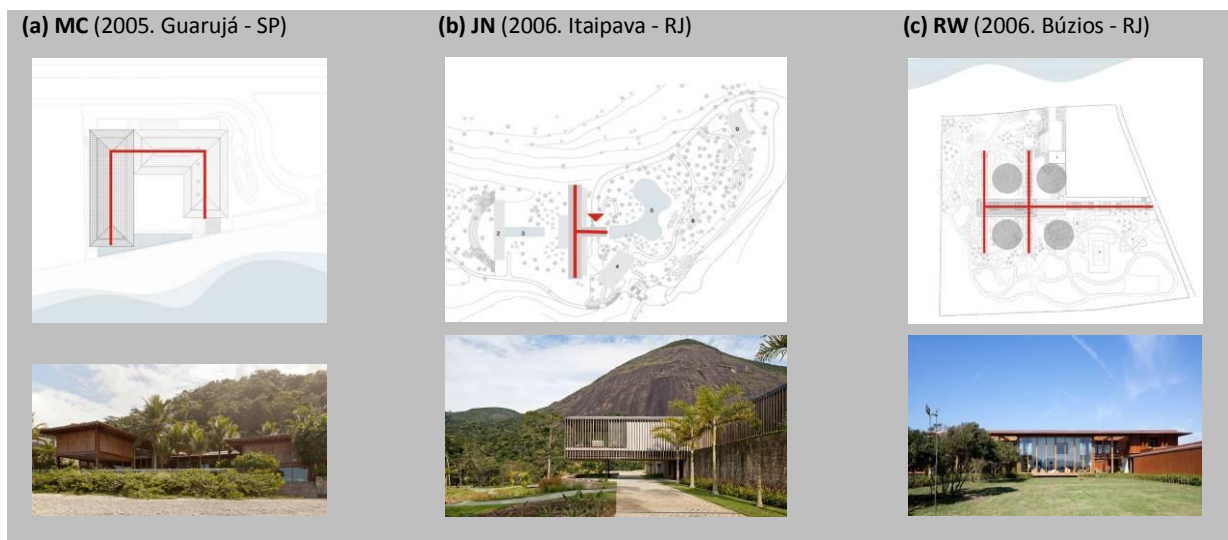
2005	2006	
<b>MC (Guarujá - SP)</b> 	<b>RW (Búzios - RJ)</b> 	<b>JN (Itaipava - RJ)</b> 
2007		
<b>FN (Bragança Paulista - SP)</b> 	<b>RSC (Porto Feliz - SP)</b> 	<b>ZS (Barra da Tijuca - RJ)</b> 
2008		
<b>CT (Bragança Paulista - SP)</b> 	<b>MDT (Porto Feliz - SP)</b> 	<b>BV (Porto Feliz - SP)</b> 

2009	2010
CA (Bragança Paulista - SP)	CR (Porto Seguro - BA)
	

Fonte: CAON, 2014; <http://www.jacobsenarquitetura.com> (Intervenções nas bases: das autoras)

Ilustram as casas do primeiro grupo as casas MC (2005), JN (2006) e RW (2006). Num lote de grandes dimensões e com liberdade para a disposição das alas, o arranjo em “U” da Casa **MC** foi a solução encontrada para garantir maior privacidade à residência diante da vizinhança, porém sem perder as relações visuais das alas com o mar (Figura 3a). Na Casa **JN** (2006), a intenção foi mimetizar a casa na paisagem, observando-se que o arranjo em “T” busca explorar a ala de menor extensão para marcar o acesso, criando um pórtico de chegada que se apropria das visuais para a montanha ao fundo (Figura 3b). Por fim, na Casa **RW** (2006), o arranjo explora a configuração de pátios com graus de privacidade diferenciados, conforme os ambientes que se distribuem em torno dos mesmos. (Figura 3c)

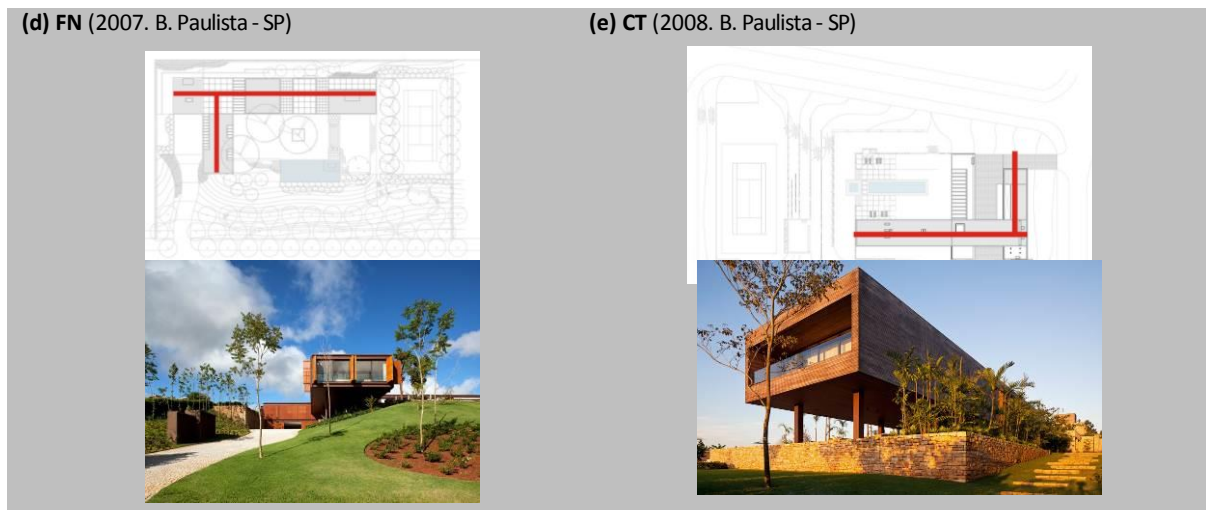
**Figura 03:** CASAS COM ALAS PERPENDICULARES - implantação e vista externa das Casas MC, JN e RW



Fonte: CAON, 2014; <http://www.jacobsenarquitetura.com> (Intervenções nas bases: das autoras)

Os casos de barras perpendiculares entre si manteve-se constante, podendo ser verificada em outros casos, como as casas **FN**, **RSC**, **ZS** (2007) e **CT** e **MDT** (2008). Em todas elas, busca-se melhor acomodar os volumes na topografia do terreno e explorar, ao máximo, as melhores visuais. (Figuras 4d e 4e)

**Figura 04:** CASAS COM ALAS PERPENDICULARES - implantação e vista externa das Casas FN e CT.



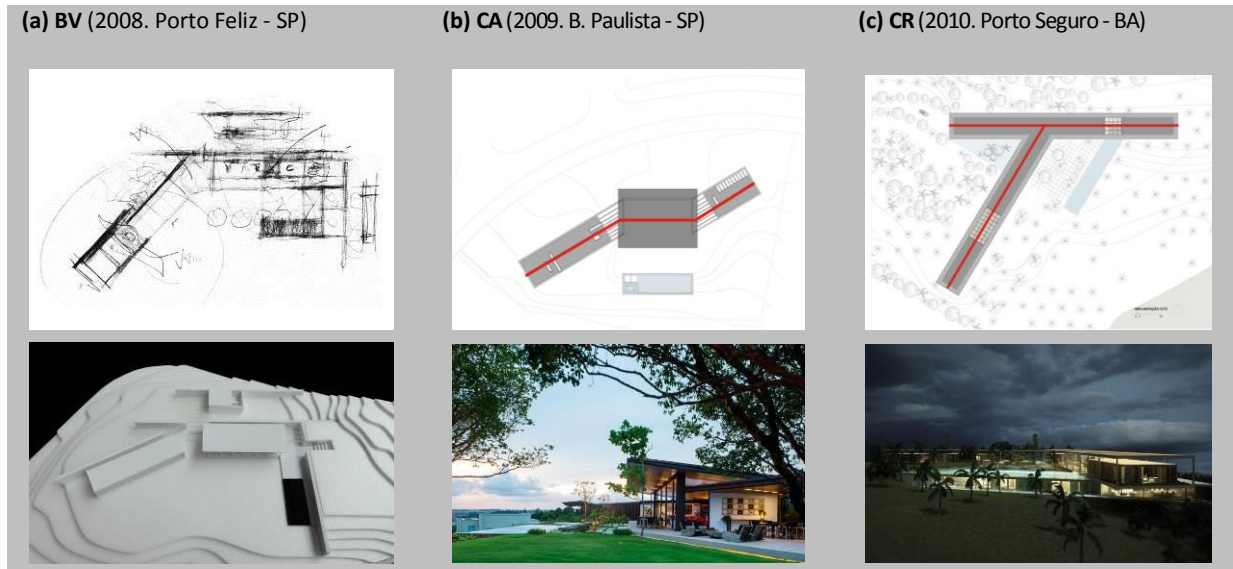
**Fonte:** CAON, 2014; <http://www.jacobsenarquitetura.com> (Intervenções nas bases: das autoras)

Posteriormente, entre 2008 e 2010, observa-se que a tipologia linear sofre modificações, compondo o segundo grupo de análise. A característica de implantação das alas lineares em lotes grandes e com desníveis se mantém, contudo, os arranjos das mesmas passam a ganhar angulações não ortogonais. Aparentemente, esta estratégia busca, além de fortalecer a relação dos volumes com a geometria e topografia do lote, explorar as melhores visuais, garantindo a recorrente integração interior e exterior.

Neste contexto, a Casa **BV** (2008) pode ser considerada como um ponto inicial dessa mudança tipológica, como evidencia o próprio discurso disponibilizado no site do escritório: “Uma característica marcante deste projeto é o fato de termos usado ângulos não ortogonais a fim de orientar a vista e tornar menos rígido tanto o espaço construído quanto o não construído.” (<http://www.jacobsenarquitetura.com>) (Figura 5a). Este princípio das barras com angulações passou a ser explorado desde então, como ilustram as casas **CA** (2009) e **CR** (2010). (Figuras 5b e 5c). É importante observar que o uso deste esquema não excluiu, após 2010, a simultaneidade do uso dos esquemas discutidos anteriormente.



**Figura 05: CASAS COM ALAS NÃO PERPENDICULARES** - implantação e vista externa das Casas BV, CA e CR.



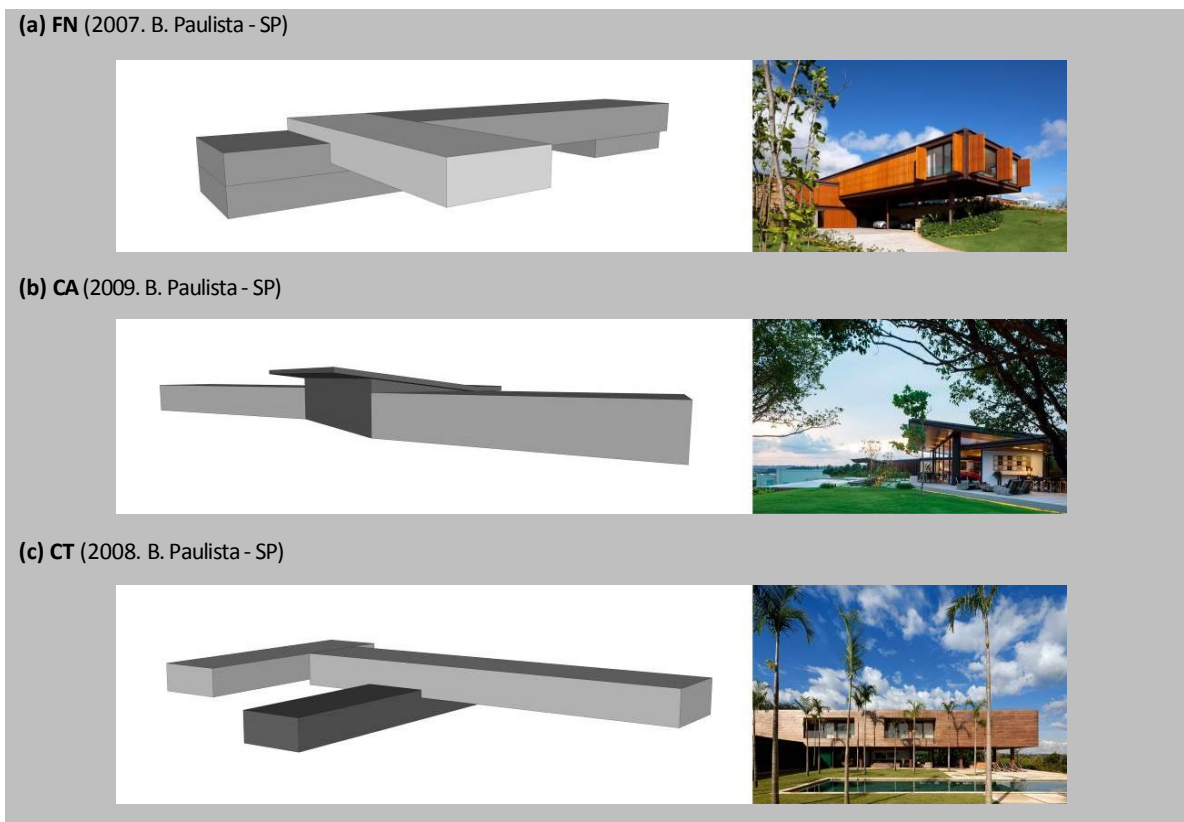
Fonte: CAON, 2014; <http://www.jacobsenarquitetura.com> (Intervenções nas bases: das autoras)

### Arranjo formal

Acerca da produção analisada, cabe destacar que o arranjo das alas configura composições aditivas, com três variações principais:

- a) **Sobreposição e/ou intersecção das alas:** Neste caso, destacam-se as casas **FN** e **MDT** em que a ala íntima assume um pequeno desnível em relação à ala social e é contraposta à topografia descendente, dramatizando a composição volumétrica. (Figura 6a);
- b) **Tangência das alas:** Destacam-se os casos em que a ala social tem maior hierarquia formal, com pé-direito mais alto e linguagem planar, subordinando o arranjo dos demais volumes puros (**RW**; **BV**; **CA**). Esta estratégia, quando associada às barras com ângulos não ortogonais, facilita a articulação das alas, surgindo espaços intermediários que absorvem a mudança de direção. (Figura 6b);
- c) **Associação dos dois esquemas anteriores** – intersecção e tangência, como ilustra a casa **CT** (2008). (Figura 6c).

**Figura 6: COMPOSIÇÃO VOLUMÉTRICA das Casas FN, CA e CT.**



Fonte: CAON, 2014; <http://www.jacobsenarquitetura.com> (Intervenções nas bases: das autoras)

### Aspectos funcionais

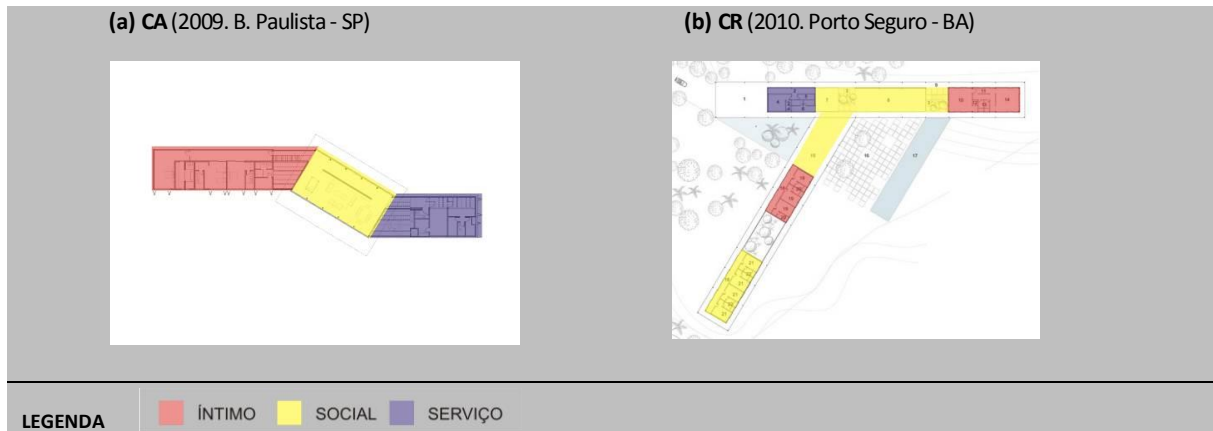
Apesar da maioria das casas estudadas serem casas de fim de semana, os seus programas de necessidades são muito extensos, impondo a configuração de grandes complexos destinados a abrigar parentes e amigos. Ilustra esta afirmativa a Casa RW, sobre a qual os arquitetos afirmam:

De início, o cliente nos procurou com a solicitação de um programa que se dividia em três casas independentes, um para cada filho e outra para o casal. Ao analisar as necessidades e expectativas da família, constatou-se que a melhor opção seria agrupar tudo em uma só edificação, onde os pavilhões conectam-se através das áreas sociais. (<http://www.jacobsenarquitetura.com/projetos/?CodProjeto=33>)

Decorrente desta característica, o arranjo clássico de três alas, com setor social, íntimo e serviço, não se consolida. Observa-se uma complexa associação de diferentes estratégias de zoneamento – em alas independentes, em níveis, e em faixas (MARTINEZ, 2000). Contudo, apesar do complexo número de soluções, é possível perceber alguns arranjos espaciais recorrentes:

a) Nas casas térreas e/ou com alas não ortogonais, **consolidação da ala social como elemento central de ligação das demais alas**. Nestes casos, a ala de serviços e a ala íntima são dispostas nos extremos da ala social, como nas casas **CA** e **CR**; (Figuras 7a e 7b);

**Figura 7: ZONEAMENTO das Casas CA e CR.**

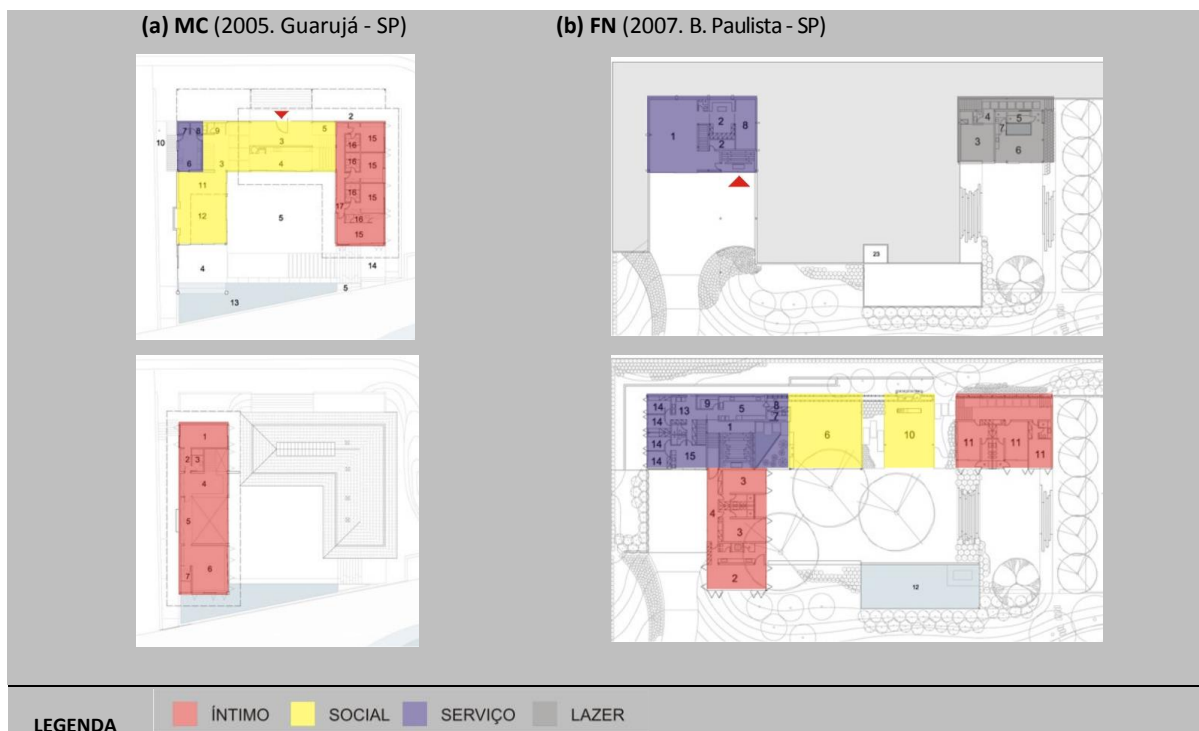


**Fonte:** CAON, 2014; <http://www.jacobsenarquitetura.com> (Intervenções nas bases: das autoras)

b) Nas casas com mais de um pavimento, **desaparecimento do zoneamento tradicional**, com acesso e setor social no pavimento inferior e setor íntimo no pavimento superior. Nas casas JN, FN e CT, o acesso ocorre junto ao setor íntimo e/ou serviço e o setor social ocupa o pavimento inferior ou superior, usufruindo das melhores visuais;

c) **Fragmentação do setor íntimo em duas ou três alas** (MC; RW; JN; FN; CR). Estas alas podem ocupar níveis diferentes, como na Casa **MC** (Figura 8a); ou estar independentes do corpo da casa, normalmente, segregando os quartos de hóspedes, como na Casa **FN** (Figura 8b);

**Figura 8: ZONEAMENTO das Casas MC e FN.**



**Fonte:** CAON, 2014; <http://www.jacobsenarquitetura.com> (Intervenções nas bases: das autoras)

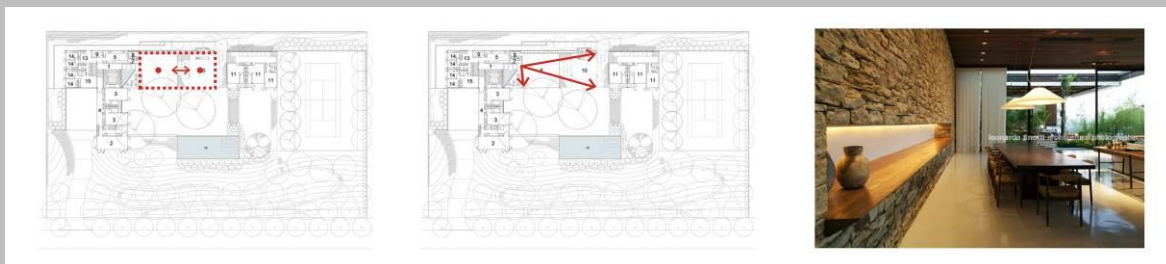
d) **Consolidação de alas específica de lazer e de serviços.** Nos dois casos, as alas se consolidam por ocuparem volumes independentes (tangentes ou isolados) do corpo principal da casa ou por ocuparem níveis distintos das demais partes do programa.

### Espacialidade

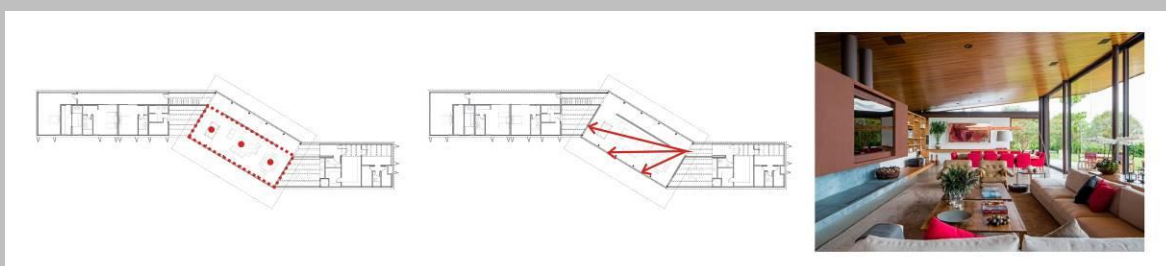
Os aspectos discutidos no item anterior se articulam diretamente com a espacialidade das casas estudadas<sup>v</sup>. No **estar**, a configuração comprida e estreita dos ambientes sociais se apresenta de forma recorrente, ao passo que sugere a subdivisão de espaços e visuais em suas diagonais. Depara-se, na maioria dos casos, com o aumento do pé direito e o fechamento vertical por peles de vidro, ampliando o campo visual. Estas características resultam em tensões multidirecionais, com vários pontos focais de interesse. (Figura 9)

**Figura 9:** Esquema e ilustração da ESPACIALIDADE do Estar das Casas FN e CA.

(a) **FN** (2007. B. Paulista - SP)



(b) **CA** (2009. B. Paulista - SP)

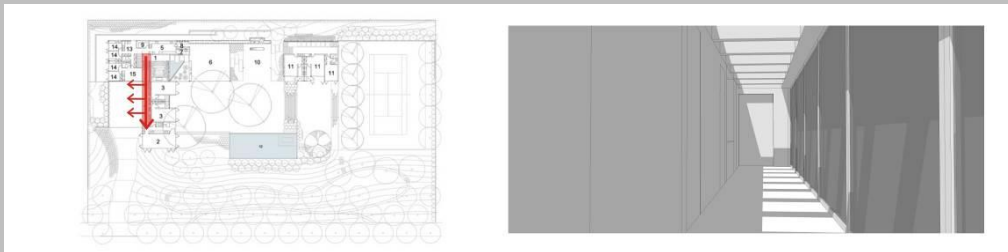


Fonte: CAON, 2014; <http://www.jacobsenarquitetura.com> (Intervenções nas bases: das autoras)

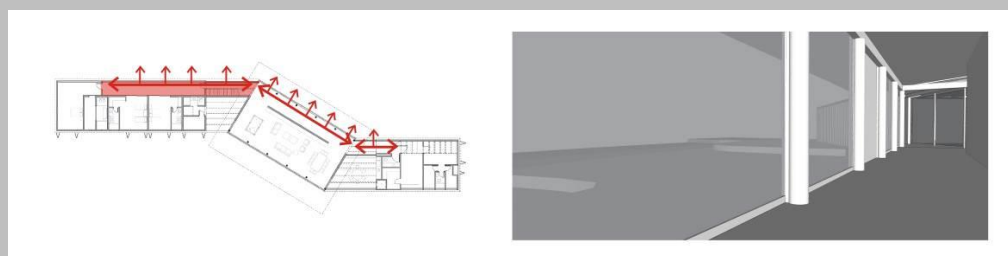
Ao adentrar no **setor íntimo**, a experiência espacial se mantém aberta e dinâmica. Os corredores periféricos nas alas, dotados de aberturas zenitais e/ou de planos envidraçados longitudinais, definem tensões multidirecionais: seguir fisicamente o corredor ou visualmente contemplar a paisagem. Esse arranjo espacial é perseguido tanto nos projetos com alas ortogonais como nos com alas não ortogonais, contudo, nestas últimas, a circulação horizontal ganha também angulações, impactando a experiência espacial com as mudanças de direção. (Figura 10)

**Figura 10:** Esquema e ilustração da ESPACIALIDADE da Circulação das Casas FN e CA.

**(a) FN** (2007. B. Paulista - SP)



**(b) CA** (2009. B. Paulista - SP)

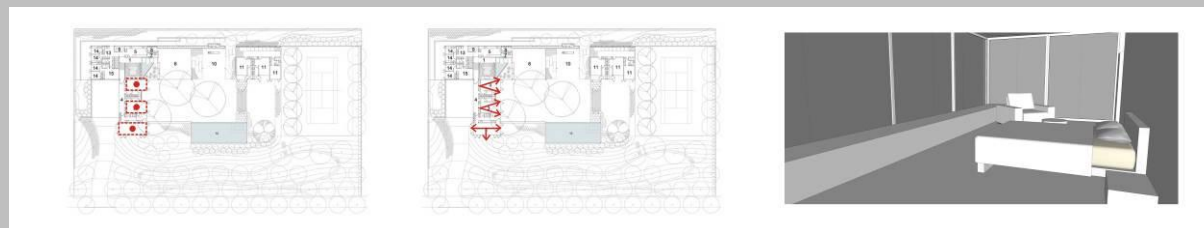


**Fonte:** CAON, 2014-2015; <http://www.jacobsenarquitetura.com> (Intervenções nas bases: das autoras)

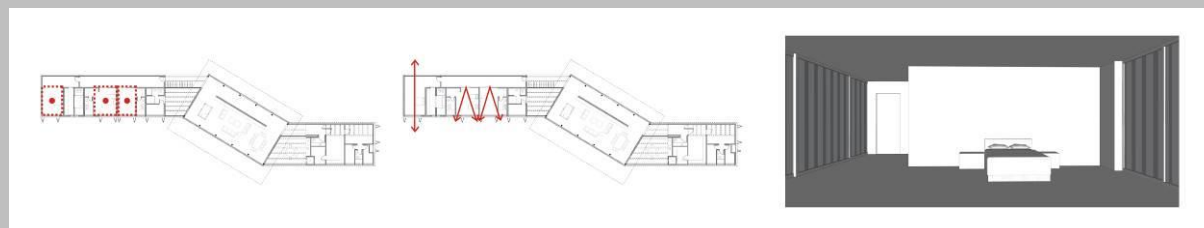
Do corredor para os **quartos**, a experiência espacial ainda é dinâmica, apesar das dimensões retangulares dos quartos sugerirem estaticidade. Destaca-se a frequência de uso de grandes planos verticais envidraçados em paralelo ao acesso, que dilatam as visuais para o exterior. Assim, os quartos, mais do que universos do mundo privado, são também ambientes exteriorizados, que reproduzem a pauta observada em quase todos os percursos das casas. (Figura 11)

**Figura 11:** Esquema e ilustração da ESPACIALIDADE dos Quartos das Casas FN e CA.

**(a) FN** (2007. B. Paulista - SP)



**(b) CA** (2009. B. Paulista - SP)



**Fonte:** CAON, 2014-2015; <http://www.jacobsenarquitetura.com>

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das casas lineares do Escritório Bernardes e Jacobsen mostra uma trajetória em que se observam pequenas transgressões na articulação das alas, na tentativa de, cada vez mais, reduzir as barreiras entre interior e exterior e valorizar as visuais. Essa relação com o exterior, por sua vez, torna a espacialidade das casas mais dinâmicas, ricas em comunicação.

O conjunto, tem-se o que Martí Aris (1993) chama de “série tipológica”, em que cada projeto representa uma continuidade e/ou uma ruptura em relação ao projeto precedente, evidenciando um processo lógico de tomada de decisões. Na série, o tipo linear é tratado como meio de investigação e não como fim do processo projetual. O arquiteto começa a trabalhar com um tipo e o transforma com a colagem de fragmentos de tipo, entendidos aqui como as alas, já previamente testadas em projetos anteriores. Nessa nova “colagem”, deformações nas angulações são promovidas para estabelecer uma melhor resposta aos mais diversos condicionantes – dimensões e topografia do terreno, orientação solar, visuais, etc. Potencializa-se, assim, o que parece ser uma constante nos projetos de Bernardes e Jacobsen, a intensa relação entre interior e exterior. Nas casas, não há espaço para a reclusão e o isolamento, viver é relacionar-se intensamente em contato com o exterior.

Por outro lado, observa-se que os projetos analisados não apresentam inovações em relação aos esquemas tipológicos já empregados modernismo brasileiro, tanto no que se refere ao arranjo do todo, como no arranjo de suas partes ou alas. Apenas se observa uma nova expressão formal, derivada do uso de novos materiais, e uma maior experimentação e sobreposição de diferentes estratégias de zoneamento, surgindo uma multiplicidade de soluções.

Esta observação leva a acreditar que a notoriedade do escritório se dá mais pela continuidade de um legado, do que pela busca de uma arquitetura com caráter singular e extraordinário. A inovação é sutil, desenha-se no sequenciamento tipológico dos trabalhos, sem que haja necessariamente a proposição de novos modos de viver.

#### 5. REFERÊNCIAS

- CAON, Sara. *Casas Contemporâneas Brasileiras*: Escritório Bernardes e Jacobsen Arquitetura. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- CHING, Francis D. K. *Arquitetura: forma, espaço e ordem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CORNOLDI, Adriano. *Arquitectura de la vivienda unifamiliar*: Manual del espacio domestico. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

HECK, Márcia. *Casas Modernas Cariocas 1930-1965*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LEATHERBARROW, David. Espaço Dentro e Fora da Arquitetura. *ARQtexto*, n. 12, Porto Alegre, UFRGS -PROPAR, 2008. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs\\_revis-ta\\_12/01\\_DL\\_espa%C3%A7o\\_300409.pdf](http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revis-ta_12/01_DL_espa%C3%A7o_300409.pdf)>. Acesso em: 07 mai. 2010.

MARTÍ ARIS, Carlos. *Le variazioni dell'identità: il tipo nella architettura*. Torino: Città Studio Edizione, 1993.

MARTINEZ, Alfonso Corona. *Ensaio sobre o projeto*. Brasília: UNB, 2000.

RABACCHIN, Adriano. Itinerario di Archetipi. In: CORNOLDI, Adriano. *L'Architettura dei Luoghi Domestici*. Milano: Jaca Boock, 1994.

REICHILIN, Bruno. Tipo e tradizione del Moderno. *Casabella*, Milano, n. 509-510, p. 32-39, gennaio/feb-raio1985.

#### Sites:

<http://www.archdaily.com.br/br/01-13643/especial-dia-do-arquiteto-nova-geracao-arquitetos-associados-estudio-america-fgmf-metro-triptyque>

<http://www.bernardesarq.com.br/pt-br/escritorio>

<http://www.jacobsenarquitetura.com/>

<http://www.ufrgs.br/casacontemporanea>

---

#### NOTAS

<sup>i</sup> O artigo é uma síntese intermediária da pesquisa “Casa Contemporânea Brasileira: regra e a transgressão tipológica no espaço doméstico”, iniciada em 2014, com a participação de cinco universidades - UFRGS, UFPB, UFPel, UEG UCS. Para maiores informações, consultar: <http://www.ufrgs.br/casacontemporanea>

<sup>ii</sup> A partir dos dados disponibilizados no site <http://www.jacobsenarquitetura.com/>, observa-se ainda que a sociedade entre os três arquitetos não envolveu necessariamente a participação de todos eles nos projetos desenvolvidos no referido período. No entanto, para efeito de análise, considera-se o conjunto da produção do escritório Bernardes e Jacobsen Arquitetura.

<sup>iii</sup> A saber: 1) Casa M. Passos, de Oscar Niemeyer em Miguel Pereira (1939); 2) Casa Barão de Saavedra, de Lúcio Costa em Correias – Petrópolis (1941); 3) Casa Hermenegildo Sotto Maior, de Aldary Henriques Toledo em Araruama (1942); 4) Casa George Hime, de Henrique Mindlin em Petrópolis (1948); 5) Casa Hildebrando Accioly de Francisco Bolonha em Petrópolis (1949); 6) Casa Maria Carlota de Macedo Soares (Lota) de Sérgio Bernardes em Petrópolis (1951); 7) Casa Paulo Sampaio de Sérgio Bernardes em Itaipava (1951); 8) Casa Guilherme Brandi de Sérgio Bernardes em Petrópolis (1952); 9) Casa Geraldo Baptista de Olavo Redig de Campos em Itaipava (1954); 10) Casa Lauro Souza Carvalho de Henrique Mindlin em Petrópolis (1952); 11) Casa João Antero de Carvalho de José Bina Fonyat com Tercio Fontana Pachedo em Petrópolis (1954); 12) Casa Antônio de Pádua Chagas Freitas de Sérgio Bernardes em Petrópolis (1955); 13) Casa Adolpho Bloch de Francisco Bolonha em Teresópolis (1955); 14) Casa Fernando Neves Magalhães de Álvaro Vital Brasil em Itaipava (1964).

<sup>iv</sup> Solução preterida em apenas três casos: Casa João Antero de Carvalho (1954 – José Bina Fonyat), onde as alas são ligadas por uma longa galeria; Casa Guilherme Brandi (1952 – Sérgio Bernardes), onde o elemento conector é uma circulação de serviços; Casa Paulo Sampaio (1951 – Sérgio Bernardes), na qual, surpreendentemente a articulação entre as alas é feita por um abrigo para veículos.

<sup>v</sup> Por espacialidade entende-se a experiência que o espaço promove em seu interior, através do movimento (LEATHERBARROW, 2008; CORNOLDI, 1999; REICHILIN, 1985). No “deslocamento”, são destacados efeitos de uniformidade, dilatação ou compressão espacial, causados por alternâncias físicas ou virtuais das dimensões dos ambientes nos percursos. Tais efeitos são condicionados por mudanças no grau de fechamento dos planos verticais, na altura dos ambientes, na orientação dos forros e no uso da cor e da luz. Os efeitos de dilatação e compressão espacial podem ser verticais ou horizontais e podem ocorrer em espaços contínuos ou descontínuos. (CHING,1998; RABACCHIN,1994; LEATHERBARROW; 2008)